

A VERDADE

ORGAN RELIGIOSO E LITTERARIO DEDICADO ÀS FAMILIAS

Director--Conego Corrêa Nery

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

Editor--Ignacio de Campos

ANNO 1

CAMPINAS, AGOSTO DE 1892

N. 14

CARTA DE SUA SANTIDADE LEÃO XIII AOS CARDEAES FRANCEZES

(Conclusão)

Carissimos filhos.

Ora esses esforços tornar-se-iam radicalmente estereis, se faltassem ás forças conservadoras a unidade e a concordia na consecução do fim final, isto é, a conservação da religião, pois que para isso deve tender todo homem honesto, todo o sincero amigo da sociedade: a Nossa Encyclica o demonstrou cabalmente. Mas, uma vez precisado o fim, admittida a necessidade da união para o attingir, quaes serão os meios para assegurar esta união?

Nós egualmente o explicamos, e o explicaremos de novo, para que ninguém desconheça o Nosso ensino: um desses meios é aceitar sem pensamento reservado, com essa perfeita lealdade que convém ao christão, o poder civil na forma em que, de facto, elle existe. Assim foi acceto em França o Imperio, no dia seguinte ao duma terrivel e sangrenta anarchia; assim foram acceitos os outros poderes, quer monarchicos, quer republicanos, que succederam até nossos dias.

E a razão desta acceitação é que o bem commum da sociedade prima sobre qualquer outro interesse; porque elle é o principio creador, o elemento conservador da sociedade humana; de onde se segue que todo verdadeiro cidadão deve querel-o e procural-o a todo o custo. Ora, desta necessidade de assegurar o bem commum deriva, como de sua fonte propria e immediata, a necessidade de um poder civil que, orientando-se para o fim supremo, dirija para ahi, sabiamente e constantemente, as vontades multiplicas dos subditos, agrupados num feixe na sua mão. Quando, pois, numa sociedade existe um poder constituido e em acção, o interesse commum acha-se ligado a esse poder, deve-se, por essa

razão, acceital-o tal como é. E' por estes motivos e neste sentido que Nós dissemos aos catholicos francezes: Acceitae a republica, isto é, o poder constituido e existente entre vós; respeitae-a, sede-lhes submissos como representando o poder vindo de Deus.

Mas ha homens pertencentes a diversos partidos politicos, e mesmo sinceramente catholicos, que não perceberam exactamente as Nossas palavras. Ellas eram todavia simples e tao claras que não podiam dar occasiao, parecnos, a falsas interpretações.

Queira-se, porem, reflectir bem nisto: se o poder politico é sempre de Deus, não se segue que a designação divina affecta sempre e immediatamente os modos de transmissao desse poder, nem as formas contingentes que reveste, nem as pessoas que delle são objecto. A variedade mesma destes modos nas diversas nações mostra á evidencia o caracter humano da sua origem.

Ainda mais. As instituições humanas melhormente fundadas em direitos e estabelecidas com intuitos tao saos quanto possivel, para dar á vida social um mais poderoso impulso, não conservam perpetuamente o vigor calculado nas curtas previsões da sabedoria do homem.

Em politica mais que em qualquer outro assumpto surgem alterações inesperadas. Desabam ou desmembram-se monarchias collossaes, como as antigas realzas do Oriente e do Imperio romano; umas dynastias suplantam outras, como a dos Carlovingianos e dos Capetos em França; as formas politicas estabelecidas são substituidas por outras, como demonstram numerosos exemplos no nosso seculo. Estas mudanças estão longe de ser sempre legitimas na sua origem; é mesmo difficil serem-n'os. Não obstante, o *critérium* supremo do bem commum e da paz publica impõe

a acceitação destes novos governos estabelecidos de facto no lugar dos governos anteriores, que de facto já o não são. Deste modo acham-se suspensas as regras ordinarias da transmissão dos poderes, e até pôde acontecer que com o tempo se encontrem abolidas.

De qualquer modo que occurram estas transformações extraordinarias na vida dos povos, cujas leis pertence a Deus calcular, e ao homem utilizar as consequencias, a honra e a consciencia reclamam, em todo o caso, uma subordinação sincera aos governos constituidos; exige-o este direito soberano, indiscutivel, inalienavel, que se chama razão de Estado. Que seria da honra e da consciencia, se fosse permittido ao cidadão sacrificar aos seus fins pessoas ou ás suas ligações de partido os beneficios da paz publica?

Depois de havermos solidamente estabelecido na Nossa Encyclica esta verdade, formulamos a distincção entre o poder politico e a legislação; e mostramos que a acceitação daquelle não implicava por forma alguma a acceitação desta, nos pontos em que o legislador esquecido da sua missão, se collocasse em opposição á lei de Deus e da Igreja. E, notem todos bem isto: empregar a sua actividade e usar da sua influencia para levar os governos a modificar em bom sentido leis iniquas ou insensatas, é dar prova de uma dedicação á patria tao intelligente quanto corajosa, sem que isto signifique sombra de hostilidade aos poderes encarregados de regerem a cousa publica. Quem se lembraria de denunciar os christaos dos primeiros seculos como adversarios do imperio romano, porque elles se não curvavam ás suas prescrições idolatricas e se esforçavam por obter a abolição das mesmas?

No terreno religioso assim entendido, os partidos conservadores podem e devem

por-se de accôrdo. Mas os homens que subordinam tudo ao previo triumpho do seu respectivo partido, embora com o pretexto de que esse lhes parece o mais apto para a defeza religiosa, não podem negar que, sem duvida por uma funesta inversão de idéas, preferem a politica que divide á religião que une. E delles seria a culpa, se os nossos inimigos, aproveitando-se das suas divisões, como de certo têm muito bem sabido fazer, chegassem por fim a esmagal-os a todos.

Disseram que Nós, ensinando estas doutrinas tinhamos para a França uma regra de proceder differente da que seguimos a respeito da Italia, de modo que estavamos em contradicção conosco mesmo. Mas não ha tal! O Nosso fim, dizendo aos catholicos francezes que acceitam o governo constituido, não foi nem ainda é outro senão salvaguardar interesses religiosos que nos estão confiados. E são precisamente estes interesses religiosos que na Italia Nos impõe o dever de reclamar sem descanso a plena liberdade exigida pela Nossa sublime função de Chefe visivel da Igreja catholica, encarregado do governo das almas, liberdade que não existe quando o vigario de Jesus Christo não está no que é seu, verdadeiro soberano, independente de toda soberania humana. Que se deve concluir daqui, senão que tambem a questão que nos diz respeito na Italia é eminentemente religiosa, emquanto relacionada com o principio fundamental da liberdade da Igreja? E é assim que no Nosso modo de proceder a respeito das diversas nações, não cessamos de fazer convergir tudo ao mesmo fim: a religião; e pela religião a salvação da sociedade, a felicidade dos povos.

Quizemos, carissimos Filhos, confiar-vos todas estas coisas, para alliviar o Nosso coração, e ao mesmo tempo confortar o vosso.

A LIBERDADE

As tribulações da Igreja não podem deixar de ser amaríssimas para a alma dos bispos e ainda mais para a Nossa, que somos o Vigário daquelle que, para a formação desta Santa Igreja, deu todo o seu sangue. Comtudo, estas amarguras, longe de Nos desalentarem, estimulam-nos a Nos revestirmos de maior coragem, para affronter as difficuldades da hora presente. Tambem dellas Nos advem, a Nós, um augmento de zelo por essa França catholica, tanto mais digna de Nosso affecto paternal, quanto ella de Nós solicita, com mais filial confiança, animação, protecção e socorro.

Estes sentimentos são tambem os vossos, carissimos Filhos; disto acaba de Nos dar prova, e já haviamos tido ensejo de Nos convenceremos de que assim era, quando uns após outros, vinheis dar-Nos conta do vosso ministerio e conferenciar ácerca dos interesses sagrados que a Nós então confiados. Entre os motivos de confiança no futuro que nos alegam, essa unanimidade é, sem duvida, um dos mais poderosos, e agradecemos-lhe a Deus do fundo da Nossa alma. Contamos com a continuação da vossa boa vontade em secundar Nossos paternaes cuidados por esse caro paiz de França. E seguro disto, como provado Nosso affecto vos damos, carissimos Filhos, a vós, ao vosso Clero e aos fieis de vossas dioceses, com toda a effusão do Nosso coração a Benção Apostolica. Dada em Roma, a 3 de Maio do anno de 1892, decimo quinto do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

Pedreira

Com immensa pompa e grande concurso de fieis, realisou-se em Pedreira, a festa de Sant'Anna, no dia 31 do mez p. passado.

Encarregou-se della uma commissão de pessoas importantes da localidade.

Tudo correu da maneira a mais brilhante.

Nossas felicitações á distincta commissão.

Lidador

Recebemos o ultimo numero deste illustre órgão catholico, publicado em S. Paulo. Agradecemos.

Na noite do Calvario, em que fatal quebranto
O corpo do Homem-Deus dobrava da alta cruz.
Foi ella uma visão que o povo com espanto
Vio enxugar com a trança o sangue sacrosanto
Do livido Jesus.

Ella acendeu na Grecia a colera sagrada
Do grego, a cuja voz tremiam tantos reis,
E de myrtho enflorou de Harmodio a heroica espada,
Que a patria resgatou, do jugo deshonorada
Dos Hyparchos crueis.

Ella abateu em Roma a fronte à gente ignava,
Roubando-lhe Catão, o morto-vencedor;
Mas Cesar, pondo o pé no collo a patria escrava,
No peito fementido o ferro se lhe crava
De Bruto vingador.

Seu pensamento ergueu pyramides no Egypto
E levantou na Arabia as cupolas gentis;
Pôz do passado a historia em brados de granitos,
E o raio dominou, cravando no infinito
Suas lanças subtis.

De templos povoou da Grecia o chão fecundo
No tempo em que era livre a Arte., sua irman,
Que hoje ainda, onde é livre, ao cerebro do mundo
Tece os nervos, e agoura ao barathro profundo
Sempterna manhan,

Não' ella nunca foi a houri que pousa ardente
A lubrica cintura e o frouxo coração
Em ondas sensuaes de seda reluzente,
De perfumes que vêm do tepido oriente,
No leito do Sultão!

Não resolve no throno, em pallido cansaço,
Um corpo que não pôde a orgia saciar;
Não cinge ao seio nũ o inerte rei devasso,
Não mancha os pés viris no molle chão do paço,
—De regio lupanar;

Porque ella odeia o throno e os tedios do serrallo!
Quer no meio do po. o amar, viver sentir;
Ama o prazer da turba, os cantos do trabalho,
O percutir do scopro, o retumbar do malho
No marmor do porvir.

THEOPHILO DIAS.

Bom Jesus

Realisou-se no dia 6 deste mez uma festa na parochia da Conceição em honra do Senhor Bom Jesus.

Prégou ao Evangelho, o revm. padre Marty, que, por meia hora, prendeu a attenção dos fieis com um bem elaborado discurso

No dia 7, percorreu as ruas do costume uma bonita procissão, sendo muito concorrida.

Esta festa foi feita a expensas dos fieis, por iniciativa do sr. conego Scipião, a quem felicitamos.

J. Ladeira

Em virtude de ter pedido remoção da cadeira de Rebouças para a de Jundiahy, passou a residir nesta cidade o nosso distincto collaborador Joaquim Ladeira.

Este humilde organ espera continuar, mesmo de longe, a merecer a sua valiosa protecção.

Festas

No proximo mez de Setembro realisar-se-ão diversas festas na matriz de Santa Cruz.

EM NÓS HAVERA ALGUMA COUSA ALMA DA SUBSTANCIA MATERIAL QUE CONSTITUE O NOSSO CORPO?

O homem, esse microcosmo, essa creatura, que resume o mundo dos espiritos e da materia, tem sido um campo vasto para as sciencias tanto naturaes como philosophicas.

Offerece ás sciencias da natureza sua organização physica, digna de ser admirada pela reunião de tantos e tao diversos elementos que entram em sua composição; pela perfeição que se depara em cada um de seus membros; pela maravilhosa disposição destes correndo para a sua formação.

Offerece á philosophia as chammas de sua intelligencia, que, sequiosa de conhecimentos, está sempre prompta para devassar as trevas de todos os abysmos e dar conta de tudo quanto está encerrado em seu seio; para atirar-se pela amplidão do espaço e enumerar as estrelas uma por uma; para descer ao fundo dos mares, penetrar nas entranhas da terra e desvendar todos os segredos:—eis o grande motivo que levou a philosophia a collocar-se diante do homem, para estudar a sua natureza.

Observando os phenomenos de sua vida animal, achamo-nos logo na necessidade de procurar um principio fóra da materia, para darmos a razão de ser de suas sensações. O homem e o animal não são machinas, onde a dôr e o prazer sensiveis operam movimentos, que devam se attribuir á acção de uma força mechanica, porque sentem e a materia é incapaz de sensação.

Façamos uma simples reflexão sobre os seguintes fundamentos em que se firma o materialismo:—o principio da sensibilidade é material; a materia que constitue o corpo do animal, e substituida por outra de certo em certo numero de annos; o animal conserva a memoria das sensações recebidas.

Os partidarios da materialidade da alma, estabelecendo esses principios, não se lembram do embaraço em que se iam pôr, da contradicção em que iam cahir, se tivessem de responder a esta pergunta, por ex.: Como se poderá explicar a continuidade da consciencia sensitiva, quando a materia que recebeu as sensações tiver sido renovada?

Eis o quanto basta para nos

convencermos de que não podemos prescindir da existencia de um principio immortal, para explicarmos os phenomenos da sensibilidade physica.

Mas entre o homem e o animal medeia uma distancia immensuravel.

O bruto tem apenas a memoria das cousas sensiveis: lembra-se dos objectos que viu, de sua côr, fórma emfim, seus accidentes; porém nessa linha não se poderia collocar o rei da criação, em quem as sensações provocam sentimentos.

O pobre agricultor que á custa de seus braços tira da terra o pao para sua familia, sente sua alma mergulhada em tristeza insana, ao ver as inclemencias do tempo esterilizando suas plantações; derrama lagrimas abundantes, chorando a sua desgraça, porque o rigor dos elementos tornou infructiferos os seus campos com que humideceu a terra; e ao observar que a fome e a sede começam a estampar-se no rosto de sua esposa e de seus filhos, mostra-se horrivelmente angustiado, porque acaba de descobrir o prenuncio certo da morte, prestes a vir tirar vidas em sua pobre choupana.

E tanta dor e afflicção, occasionadas por tao pequenas sensações, são phenomenos que suppõem a existencia de um principio mais que immaterial, porque são sentimentos produzidos pela aproximação do mal conhecido pela *intelligencia* e que não pode ser removido pela *vontade livre*—são manifestações do espirito.

Deixando de parte a ordem do sensível e passando ás regiões do intellectual e moral é que poderemos verdadeiramente admirar a superioridade do homem sobre os demais seres animados.

Só elle é capaz de conceber idéas de causa e de effeito, de direito e de dever, de virtude e de vicio, querendo isto dizer que só elle pôde adquirir sciencia e virtude, só elle é susceptível de progresso na ordem intellectual e moral.

Cada seculo que passa deixa seus sabios e seus santos.

Com o pensamento tornemos atraz alguns centenares de annos, observemos a marcha da humanidade, interroguemos sobre seus feitos as gerações passadas e ouviremos cada uma, dizer por sua: «Mais um passo já está dado no caminho do progresso e em testemunho de nossa as-

serção ahí ficam os padrões de nossas conquistas, os trophéus de nossas victorias e os louros das nossas luctas, porque nos resolvemos a romper contra o jugo do erro e do vicio, pugnando pela nossa liberdade, pela liberdade de nossa patria e de nossos filhos.»

Ao passo que notamos, pelo decorrer dos seculos um desenvolvimento sempre crescente, o bruto vai seguindo invariavel a sua rotina, sem poder modificar a norma traçada pelas leis da natureza; passam-se os annos e elles permanecem na mesma estabilidade primitiva.

Sendo incapazes de uma só idéa não podem reflectir, não podem ter esses movimentos livres do espirito, sem o que não ha prazeres.

Ha, pois, no homem um composto, uma reuniao de duas substancias bem diversas: uma corporea, material; outra incorporea e espirital, dotada de razão e liberdade que se chama—*alma*.

PRESTIDIGITAÇÃO OU MILAGRE?

Ao Revmo. Sr. J. Boyle.

Hontem, devido ao intenso frio, recolhido em meu escriptorio manuseava a sagrada *Biblia* e quando lia o livro dos Numeros, capitulo XXII verso 30, interrompi por instantes a minha leitura e puz-me a considerar como S. Pedro quando viu descer do céu aquella toalha suspensa pelos quatro cantos, na qual havia de todos os quadrupedes e reptis da terra.

Tambem considerava quem seria o prototypo figurado na jumenta que fallou a Balaão, e pedia a Deus que illuminasse minha mente e accudisse ao *livre exame* de sua palavra.

Deus fallou commigo, pois quando se lê a *Biblia* Deus está fallando commosco, e como outr'ora a Daniel, disse-me:

—Varão, se desejas, queres conhecer o prototypo da jumenta que fallou? Espera e verás.

Neste ponto estava, quando me foi entregue o n. 112 do jornal que V. S. habilmente dirige.

Cousa singularissima!...

Nunca tive a honra de receber directamente o "Evangelista...". Fiz pausa na leitura da *Biblia* e occupei-me com a leitura de seu artigo.

Snr. ministro, tencionava fornecer os *dados* promettidos nas columnas do "Apos-

tolo" mas como não fosse recebida naquella redacção uma carta minha, apesar de registrada, resolvi escrever na "Uniao Catholica" mas, infelizmente, esta folha suspendeu sua publicação, o que levou-me a escrever meus modestos artigos no jornal "A Verdade," que se publica em Campinas e dignamente redigido por um sacerdote catholico romano. Ainda neste ponto quero ser coherente e do fundo d'alma agradeço a V. S. o offerecimento das columnas de seu jornal para a inserção dos meus escriptosinhos tao despreziosos como sinceros.

Me admira que os seus irmaos de Campinas não tenham lhe remettido o n. do jornal que que trazia o meu "comunicado", e si o fizessem, não daria lugar ao aviso de V. S.

Quanto á definição de milagre e prestidigitação que pedi a V. Revma, o fiz porque tive a fortuna de folhear os autores romanistas, mas suppondo que a sciencia actual estaria muito alem da do meu tempo, isto é, d'aquelle tempo em que eu era mais familiarizado com os livros e que os comprehendia melhor, dirigi-me aos S. S. *Evangelistas*, porém vejo que enganei-me e errei o meu alvo.

Na sua definição não somente acho falta de philosophia como me leva a crer que V. S. quer tirar a polemica do terreno serio para o ridiculo. Vejamos.

V. S. define a pretidigitação —«a arte pela qual um padre romano, não podendo defender os milagres periodicos da sua Igreja, procura illudir o povo por meio de escamoteação» e milagre o «phenomeno que levasse um padre romano a escrever um artigo para provar que o cardel Sanfelice não é prestidigitador mór, quando preside a liquefacção do sangue de S. Januario...»

Tenho, pois, a honra de offerrecer a V. S. a seguinte definição que é de uma autoridade na materia: «milagre é um facto ou um acontecimento sensível que se opera fóra das leis constantes da natureza, por intervenção especial Deus.»

Quanto á prestidigitação nada tenho que definir, ficando porém V. S. certo de que o cardel Sanfelice não é prestidigitador, o que me encarregarei de demonstrar em subsequentes artigos.

Com os artigos de V. S., embora viessem molestar-

me, não me incommodo e nem farão recuar do meu proposito, isto é, provar que o Cardel Sanfelice na liquefacção do sangue de S. Januario em Napoles não é prestidigitador, e que por consequente a referida liquefacção não é nenhuma prestidigitacção.

Até breve.

Socorro, 13 de Julho de 92

P. PASCHOAL FALCONIO.

Para o Rio

Seguiu para o Rio de Janeiro, o nosso director sr. conego Corrêa Nery, levando em sua companhia quatro orphaos deixados pela ultima epidemia, afim de, conseguindo passagem gratis, envia-los para a Europa, em companhia do sr. barão Geraldo de Rezende, aos avós que ainda vivem em Bajona e pedem a presença de seus netinhos.

Boa viagem.

Santa Casa de Misericordia

Realisa-se hoje, na Santa Casa de Misericordia, a festa de Nossa Senhora da Boa Morte.

A rosa de ouro

A rosa de ouro, seguido a palavra de Pio IX, é a nota de distincção do Papa á soberanna que mostra-se mais digna de louvor durante o anno pelas suas obras e virtudes.

E' preciso que a graciosa rainha Amelia de Portugal tenha se mostrado tal em alto grão, pois que Leão III já tinha decidido não mais enviar esta nota de distincção por demais custosa.

Com effeito esta recompensa custa ao Santo Padre a somma de 50:000 francos, cerca de 20:000\$.

O ourives que confecciona a rosa e cuja officina é situada ha trescentos annos, perto de S. Pedro, exige pelo seu trabalho artistico 20:000 francos, preço que não é exagerado.

A haste da rosa, de ouro massiço, mede um metro e dez centimetros. O calix de flor é formado de mosaico, no qual estão artisticamente gravados o nome do Pontifice reinante, a data da remessa da lembrança e os titulos da soberana.

As folhas de ouro da rosa são semeadas de pó de diamante imitando o orvalho da manhã.

O rico presente é encerrado num soberbo estojo de setim branco, enfeitado de botões de rosas de prata.

Dois embaixadores do Papa levam-na á soberana escolhida. Esses dois embaixadores pertencentes á primeira nobreza romana recebem, para as despesas da viagem e de representacção, 15:000 francos cada um.

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS

47 A - Rua do Regente Feijo' 47 - A

Esquina da do Conego Scipião

SORTIMENTO DE SECCOS E MOLHADOS

Assucar, farinha, aguardente, sal, kerozene e todos os mais generos do paiz.

ESPECIALIDADE EM QUEIJOS FRESCOS

Sortimento de bebidas finas

Vinhos Virgem. do Porto e de outras qualidades.

COGNACS

Cerveja nacional e estrangeira, etc.

ANTONIO ALTERIO

CAMPINAS

**GRANDE DEPOSITO
DE
Papeis Pintados**

Nacionaes e estrangeiros

VIDROS DE TODAS AS QUALIDADES

TRATAM-SE FORRAÇÕES E PINTURAS DE OBRAS

TELHAS DE VIDRO DE DIVERSOS TAMANHOS

Completo sortimento de molduras para quadros, oleos, tintas e vernizes, estampas, chromos e oleographias, diamantes e ouro em folha, lampadas belgas, lampeões e arandelas, venezianas para janellas, espelhos de todos os tamanhos e preços.

TELEPHONE N. 61

RUA BARÃO DE JAGUARA 31

J. A. GOMES & COMP.

CAMPINAS

GRANDE HOTEL PAULISTA

Antigo Hotel Victoria

Rua 13 de Maio 33

Este bem montado estabelecimento, passando ás mãos do novo proprietario, abaixo assignado, completamente reformado, possuindo duas magnificas salas para o serviço de mesa, duas ricas salas de espera, quartos competentemente mobiliados para hospedes, dispondo de um perito chefe de cosinha, capaz de satisfazer a todos paladares e estando á testa do serviço o seu proprietario, que para isso acha-se competentemente habilitado, espera continuar a merecer a confiança publica de seus numerosos freguezes.

Tem excellentes vinhos para mesa, de diversas qualidades e outras bebidas finas.

O GRANDE HOTEL PAULISTA offerece as maiores vantagens aos srs. passageiros, já pela promptidão e asseio, já por estar situado proximo á estação de Campinas.

PREÇOS RASOAVEIS

O PROPRIETARIO

JOÃO POMPEU

4-2

TYPOGRAPHIA Minerva

RUA DO BOM JESUS

EM FRENTE AO N. 13

Nesta bem montada typographia faz-se todo e qualquer trabalho concernente a esta arte.

GARANTE-SE PERFEIÇÃO E PROMPTIDÃO

Cartões de visita, pagos adiantados

PREÇOS RASOAVEIS

CAMPINAS